



SESSÃO COORDENADA “HISTÓRIA SOCIAL”

COORDENADORES:

MARIA DO SOCORRO RANGEL & RODRIGO CEBALLOS

UM OLHAR MARXISTA SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO DOS OPERÁRIOS DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO EM SALGUEIRO/PE

MARÍLIA CRISTIANE PEREIRA DA SILVA
FACHUSC
mr194@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa busca verificar as relações trabalhistas dos operários da obra da Transposição do Rio São Francisco no trecho Norte, localizada no município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambuco, percebendo as possíveis dificuldades observadas nestas relações. Dessa forma, utilizando-se da teoria do Materialismo Histórico que se trata da História Social, que segundo esta teoria marxista, se constrói a partir da luta entre duas classes. Sendo, então, esta análise importante para a História Social, nacional e local. Para a compreensão do tema foram realizadas consultas bibliográficas e foram realizadas e analisadas entrevistas com trabalhadores da obra. Por fim, foi concluído, que mesmo com direitos garantidos por lei, os operários da obra já citada, enfrentam muitas dificuldades na realização da prática de seus direitos.

Palavras-chave: Materialismo Histórico; Trabalhadores; História Oral.

INTRODUÇÃO

A partir das transformações econômicas e sociais provocadas pelos processos históricos, o significado do trabalho, assim como, as formas de praticá-lo também sofreram mudanças. Tais transformações foram acompanhadas e estudadas por Karl Marx que, então, fazendo análises do modo produção capitalista percebeu que a sociedade se divide em duas classes, a burguesa e a proletária, a relação entre as duas, envolve subordinação da última à primeira.

Compreendendo a História Social e tomando conhecimento da realização da obra da Transposição do Rio São Francisco que mobilizou um grande número de trabalhadores, surgiu o interesse de verificar as maneiras como se apresentam as relações trabalhistas do operariado de Salgueiro - PE na obra, tendo em vista as suas percepções sobre estas relações, entendendo que possam existir dificuldades nelas.

Dessa forma, este trabalho é relevante para a História Social nacional e regional, pois se trata do estudo das relações de trabalho de umas das categorias mais importantes entre aspectos de desenvolvimento econômico e estrutura social, o operariado.

Para a compreensão teórica do tema e, assim, o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário realizar pesquisas de aprofundamento no mesmo. Então, como se trata de uma análise do trabalho a partir da vertente marxista foram consultadas obras de autores com grande relevância nessa área como o próprio Karl Marx, Eric J. Hobsbawm, Michelle Perrot, Jaques Lê Goff, E. P. Thompson, René Remond, Suzana Albornoz, Cláudio H. M. Batalha e Veronique Sales , assim como, consultas em sites.

História Oral como metodologia principal de trabalho, tomando a produção de entrevistas e sua análise como investimento privilegiado. Nesses casos, o que interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida o contraponto permanente o que as fontes já existentes dizem sobre o assunto. (ALBERTI, 2005,p.174)

Sabendo que a História Oral também é uma importante fonte de pesquisa e que a análise das relações trabalhistas, na obra de construção civil já citada, é feita com base nas percepções dos próprios trabalhadores, foi fundamental a realização de entrevistas com os mesmos, com base nas ideias de Michael Pollak e Alberti Verena.

Dessa forma, busca-se especificamente, apresentar a visão historiográfica utilizada para análise e desenvolvimento deste trabalho; compreender o conceito de trabalho e mostrar as transformações que ocorreram nas práticas do trabalho até chegar ao modelo do operariado; Analisar as percepções do operariado de Salgueiro - PE sobre suas relações trabalhistas na obra da Transposição do Rio São Francisco.

TRABALHO E MATERIALISMO HISTÓRICO

Durante a época primitiva o trabalho era exercido apenas como meio de subsistência, chegando ao feudalismo existia já a noção de propriedade privada e lucro, estes estavam ligados a práticas lucrativas através da lida com a terra. Mais tarde, surge na Inglaterra no século XVIII, a Revolução Industrial, esta dá início a relações capitalistas de trabalho. Com o surgimento das fábricas, os trabalhadores que antes produziam de forma independente, tornam-se assalariados, foram substituídos por máquinas mais eficientes e transformados em operários tendo suas tarefas reduzidas.

Com as riquezas adquiridas com o mercantilismo, o comércio se desenvolve ainda mais e o sistema feudal se mostra insuficiente para suprir as necessidades da sociedade que dentro desse sistema econômico passava, constantemente, pelo medo da fome. Assim, com a evolução das atividades mercantis a economia comercial se expande, o que leva ao avanço dos centros urbanos e do trabalho nestas áreas que era feito principalmente por artesãos. Aqui já se inicia o trabalho assalariado, pois estes artesãos tinham a matéria-prima e eram pagos por comerciantes, que constituíam a classe burguesa, para criarem o produto a ser vendido no mercado, antes os artesãos trabalhavam em seu próprio tempo e com seu próprio material, os meios de produção aqui ainda continuam sendo do artesão. Com a chegada da Revolução Industrial em meados do século XVIII, surgiram as fábricas mecanizadas e o avanço da indústria têxtil e férreo. Para suprir as necessidades das indústrias que se desenvolviam na Inglaterra e depois se espalhavam para a França e outros países da Europa, chegando aos Estados Unidos, foram contratados uma demanda muito grande de trabalhadores, onde a maioria destes era oriunda do trabalho campal e tiveram que se adaptar ao novo comportamento fabril, como explana Hobsbawm:

Já no tempo do cartismo, termos como “artesão”, “oficial”, “artífice” ou, quanto a isso, praticamente todos os termos associados com a antiga realidade de pequenos produtores independentes e suas organizações, denotam algo que se poderia chamar de assalariado especializado, em vez de produtor independente, embora, por outro lado, o termo “fabricante”, que anteriormente se referia de forma vaga a força trabalhadora, acabou sendo monopolizado pelo empregador industrial. (HOBSBAWM, 2005, P. 280)

Nas fábricas os operários perderam a independência na produção, assim como também não tinham mais um termo específico para a atividade que desenvolviam e para denominar sua profissão, tornaram-se assalariados. O fabricante não era mais o artesão, o oficial, artífice ou aqueles que usavam sua força para produzir, passou a ser o dono da

indústria. Isso acontece porque o produto final, agora, durante sua produção passa, através de etapas, pelas mãos de todos os trabalhadores da fábrica.

Para que as atividades na indústria fossem realizadas a vigor e de acordo com o desejo do patronato foram criados os regulamentos, as regras da empresa a serem seguidas pelos operários. As exigências contidas neles era uma forma de controle e repressão, onde aos próprios operários não era permitido opinar sobre tais regras. “O regulamento, portanto, é a expressão da vontade patronal, e os operários não têm nenhuma participação nele” (PERROT, 2008). Neles havia multas por falta, por causar danos nas máquinas, por brigas e falatórios.

A carga horária de trabalho era extensa e exaustiva, segundo René Remond (1974) “As condições de trabalho são as mais duras possíveis, não existe qualquer limitação de tempo”. Chegava-se a trabalhar dezesseis horas diárias, sem tempo para descanso, até mesmo no sábado e no domingo. As condições de higiene e segurança também eram precárias, não havia nada, nem lei e nem equipamentos que assegurassem direitos e prevenissem acidentes. As empresas não assumiam responsabilidade diante de seus funcionários. Além disso, os salários eram baixos e não fixos, o proletariado recebia a remuneração que o dono da fábrica acreditava ser necessário. Assim, com a inclusão das máquinas que substituem as tarefas manuais e em tempos de crise econômica, a situação piora ainda mais para a classe trabalhadora. Isso porque as máquinas fazem a maior parte do trabalho, substituindo a mão de obra humana, as crises econômicas causadas pela busca exagerada de capital através do mercado consumidor, que em determinados períodos gera superprodução, fazem o valor das mercadorias caírem devido a pouca procura destas e provocam a demissão dos trabalhadores em grande escala, formando uma massa desempregada que, assim, com a grande oferta de mão de obra tem o salário diminuído.

A Historiografia estuda a escrita da história em diferentes visões, todo trabalho que aborda um fato dentro da história, ao ser analisado, sempre será percebido nele a prevalência de uma visão historiográfica. O Materialismo Histórico, fundado por Karl Marx, surge no século XIX, muda a forma como se percebe a história, agora ela passa a ser vista a partir de influências sociais, políticas e econômicas. Karl Marx (1818, Trier, Prússia) viveu neste período e dedicou seus estudos a compreender a História Social a partir dessas estruturas. E assim, sempre observando as sociedades, suas políticas e modelos socioeconômicos, pode deixar vários escritos sobre as sociedades e suas estruturas. Partes dos estudos marxistas foram desenvolvidas em sua parceria com

Frederich Engels, seu compatriota, o Manifesto Comunista (1848) foi uma das obras dessa parceria. É a partir dessas análises e da observação das revoluções que aconteciam na Europa que Marx desenvolve ideias em que a classe operária, recém-formada a partir do aparecimento do capitalismo industrial, se apoia.

Marx juntamente com Engels produziu textos de convocação da classe trabalhadora à luta. O Manifesto Comunista sendo um deles expõe as características burguesas de opressão que leva a subordinação do trabalhador que é tratado como mercadoria e depende do bom desenvolvimento do capital burguês para se manter trabalhando. O trecho abaixo desta obra aborda essa questão de subordinação da força de trabalho aos que detém os meios de produção.

Na mesma proporção em que a burguesia, ou seja, o capital, se desenvolve, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos trabalhadores modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho, e só encontram trabalho na medida em que este aumenta o capital. Esses trabalhadores que são obrigados a vender-se diariamente são uma mercadoria, um artigo de comércio, sujeitos, portanto, às vicissitudes da concorrência, às flutuações do mercado. (MARX e ENGELS, 2003, P.32)

Essa observação a respeito do proletário relacionado ao capital burguês faz-se entender que para quem possui os meios de produção, esse trabalhador é apenas uma mercadoria do qual sua força de trabalho precisa se adequar ao sistema capitalista para se manter no mercado, assim, sendo sujeito a vender esta força por salários mínimos que permitem apenas ao trabalhador ter sua sobrevivência garantida, mas sem uma boa qualidade de vida. Diante da economia burguesa o proletário perde seu lado humano para tornar-se máquina de produção.

As resistências operárias às imposições burguesas são necessárias para que eles não percam direitos e continuem lutando por condições justas de trabalho que os tornem menos subordinados ao patrão, conquistando assim maior autonomia no modo de produção, nos processos sociais e econômicos. Marx tornou possível a visão da história por um outro ângulo, que permite que o proletariado note que é explorado, mas que possui força para mudar isso, e mostrar que a história é feita pelas ações de todos os homens.

CONHECENDO AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA OBRA DE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

Compreendendo a obra.

A ideia do Projeto de Transposição do Rio São Francisco é secular, o Imperador Dom Pedro II foi o seu primeiro idealizador, em 1847. Por todo o século XX o projeto esteve presente nas pautas governamentais, mas só agora no século XXI o projeto foi debatido, levando a decisão do início das obras, que foi efetuado em 2007.

O Rio São Francisco tem sua nascente no sudeste, na Serra da Canastra, Minas Gerais, percorrendo os estados da Bahia e Pernambuco, chegando à divisa entre Alagoas e Sergipe onde deságua no Oceano atlântico.

Segundo o Ministério da Integração o projeto abrange os estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, segundo o Ministério da Integração Nacional levará água a 390 municípios, beneficiando aproximadamente 12 milhões de habitantes. O objetivo é levar as águas do rio às regiões secas do Semiárido nordestino, beneficiando as populações urbanas e rurais, setores industriais, grandes e pequenos agricultores.

A obra é dividida em dois eixos.

- **Eixo Norte** composto por:
 - Meta 1N que passa pelos municípios de Cabrobó (PE), Terra Nova (PE), Salgueiro (PE), Verdejante, Penaforte (CE) e Jati (CE);
 - Meta 2N que abrange os municípios cearenses de Jati, Brejo santo e Mauriti;
 - Meta 3N que atinge os municípios de Brejo Santo (CE), Mauriti (CE), Barro (CE), Monte Horebe (PB), São José de Piranhas (PB) e Cajazeiras (PB).
- **Eixo Leste** composto por:
 - Meta 1L localizada na cidade de Floresta (PE);
 - Meta 2L onde as obras atravessam os municípios de Floresta (PE), Custódia (PE) e Betânia (PE);
 - Meta 3L que passar pelas cidades de Custódia (PE), Sertânia (PE) e Monteiro (PB).

Por se tratar de uma obra de construção civil, entre os trabalhadores contratados

estão engenheiros, técnicos e operários; como pedreiros, carpinteiros, armadores, operadores de máquinas e ajudantes.

Os trechos em obra do Projeto de Integração do Rio São Francisco empregam, atualmente, 10.394 trabalhadores. Ao longo de todo o empreendimento existem aproximadamente 3.221 máquinas em operação. (Ministério da Integração Nacional, Acessoria de Comunicação Social).

Esses dados relacionados à quantidade de trabalhadores empregados e máquinas são relativos ao ano de 2014. A obra tinha prazo para ser finalizada em 2012, porém, devido a paradas nos trabalhos, atrasou. Aumentando o prazo para ser entregue em 2015, o que não aconteceu, e hoje o novo prazo para a entrega é para os primeiros meses de 2017. Segundo o Ministério da Integração em 2014 o orçamento da obra era de R\$ 8,2 bilhões.

Dezenas de empresas construtoras foram contratadas para a construção da obra. Em 2014 entre as empresas que estavam trabalhando havia a S.A. Paulista, Somague, FBS Construtora, EMSA e Mendes Júnior. No decorrer do processo de construção houve empresas que deixaram a obra e foram substituídas por outras, isso devido a escândalos de corrupção e a incapacidade de algumas de concluir as suas metas.

Em setembro deste corrente ano o Ministério da Integração (MI) divulgou dados que mostram que a obra possui 90,5% de execução física, sendo 91% pronto no Eixo Norte e 89,6% pronto no Eixo Leste.

Concepções do Operariado Salgueirense: Relações Trabalhistas.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da análise das visões de operários de Salgueiro - PE que prestaram serviço a uma das empresas contratadas para realizar a obra da Transposição do Rio São Francisco no Eixo Norte, o qual a cidade de Salgueiro faz parte. Atualmente, a empresa está deixando a obra e os entrevistados já não prestam mais serviços a ela. Eles foram indagados a respeito de questões trabalhistas e como se sentem diante delas.

Segundo os próprios trabalhadores, a época em que a empresa, pela qual prestaram serviço, possuiu mais trabalhadores contratados foi entre 2013 e 2014, período em que ela tinha mais de 3 mil contratados. O operariado da obra é formado basicamente por pedreiros, carpinteiros, armadores, operadores de máquinas, motoristas e ajudantes. Estes se dividem em duas grandes equipes, os primeiros são os que fazem a parte da terraplanagem e vão abrindo o território para os que constituem a construção civil da

obra. Como afirma Francisco de Oliveira Silva, 47 anos.

Quem é da civil sempre é nessa área de canal, mas o canal não só é a civil, porque o canal faz parte da terraplanagem que terraplanagem é o pessoal dos caminhão, de máquina... Só que eles fazem a escavação e a civil faz a outra etapa de concreto, né, de concretagem. Quem faz parte da civil é pedreiro, carpinteiro, armador... Agora a parte da terraplanagem é o pessoal que trabalha com máquina, carro né, caminhão, caçamba. (24/09/2016)*

O trabalho realizado por eles mostra-os a dimensão da obra e de seu custo. A visão de Francisco Lucier Ferreira Leite – 42 anos, citada a seguir a respeito da obra foi unânime entre os entrevistados. “*Olha, em relação ao que ela é, é que é uma obra que é benéfica a todo o sertão, que é trazer água do São Francisco até a região que não tem. É uma obra de um custo muito grande.*” (25/09/2016) Assim, nota-se que esta visão mostra a aceitação da obra como algo que trará benefícios a toda população a qual irá atingir. Ao mesmo tempo sabem da grandiosidade e do alto custo de capital empregado aos devidos fins.

A fiscalização do trabalho é feita da seguinte forma:

É complicado porque às vezes eles cobram um pouco... Ai a monitoração deles é essa, porque eles podem falar pra gente “vocês não tão trabalhando de graça, vocês estão ganhando pra fazer o serviço” e quer o serviço bem feito, porque não pode ser mal feito. E tem uma pessoa que é o encarregado, fica acompanhando a gente o dia todo. Se tiver alguma coisa errada ele pode reclamar e pode pedir pra desmanchar, fazer de novo. Mas isso ai é, é norma da empresa e todo mundo acompanha. Mas tem encarregado meio ruim, que cobra, reclama sem... reclama demais sem nem, não sabe falar com o povo, na verdade não sabe nem falar com a pessoa. Já teve dia de chamar, eu não, mas o outro lá de burro de jumento. (Francisco de Oliveira Silva, 24/09/2016)

O monitoramento do serviço é comum em qualquer área de trabalho, nesta obra os operários não se incomodam com a vigilância em cima deles. Porém, o que os incomoda é o fato de muitos dos encarregados da fiscalização exigir trabalho exagerado para a maior produção, abusando da autoridade, de modo que chegam a usarem palavras que humilham e desrespeitam os operários. Estes para permanecerem no emprego, não enfrentam os fiscais, pois quando isso ocorre, segundo eles, o trabalhador é mandado embora do serviço.

Na empresa à qual estavam contratados a jornada diária de trabalho normalmente se estendia às 9 horas trabalhadas, mesmo que na lei seja assegurado somente 8 horas diárias de serviço, a empresa orientava seus funcionários a ter a jornada diária de 9 horas de segunda à quinta, sendo que esta hora a mais é relativa as horas do sábado,

* Todas as transcrições das entrevistas estão *ipsis litteris*, respeitando a identidade e os falares locais do povo.

dessa forma, trabalhar no sábado era opcional para os operários. Segundo Laércio Ivanildo Barros dos Santos, 23 anos: "*É 9 horas porque a gente tem 1 hora de almoço porque a gente, essa 1 (hora) que a gente trabalha é já pro sábado, é a gente trabalha sempre 1 (hora) pro sábado.*" (11/09/20016). Assim, como na lei garante 8 horas de trabalho por dia, essa hora a mais se coloca como hora extra, por lei durante o dia só podem ser adicionadas 2 horas a mais. Mesmo assim, outros operários afirmaram que por muitas vezes trabalharam além das horas permitidas na lei, como pode ser visto nos trechos a seguir.

O normal é pra ser 8 horas, mas nessa área da civil sempre trabalha mais. Mas aí qualquer hora que passa e sempre passa, aí é hora extra. A gente não gosta tanto porque tem que a gente ir pra 6 hora né (até as 6 da noite), cansa, mas no mesmo instante a gente acha bom porque a gente ganha mais. Mas não é de dizer que é muito bom não que a gente quer, é cansativo, né. (Francisco de Oliveira da Silva, 24/09/2016)

Muitas vezes o trabalhador trabalha, já aconteceu comigo, você trabalhar, vamos dizer, se você botar de 6 horas da manhã até as 23 (Horas), E se você analisar, muitas vezes você não recebe, porque diz que não pode colocar lá, porque se colocar vai dá um problema, aquela coisa, paga uma multa. E quem perde é o trabalhador, isso já aconteceu comigo. Você só vai ganhar o que tá registrado entendeu? Ali não adianta, já conheci colega meu que trabalhou 24 horas, vamos dizer; pegar 7 da manhã e quando dava as 5 da tarde que é pra parar, chegar um encarregado e pedir pra ele virar o turno... E ele parar no outro dia 7 horas. E quando chegar o dia de receber, como não pode colocar que você trabalhou 24, o trabalhador perde, porque aí diz que vai pagar por fora e nunca paga. (Francisco Lucier Ferreira Leite, 25/09/2016)

Estes relatos mostram o descontentamento dos trabalhadores quando são obrigados a realizar tarefas fora do devido horário. Além disso, demonstram descumprimento, por parte da empresa, da lei que os defende, ao perceber que existe fraude no registro do total de horas executadas, fazendo o operário passar mais tempo trabalhando do que o permitido e, como não há registro das horas a mais, estas acabam não sendo pagas, pois não há nenhum documento que comprove que elas foram executadas. Ainda sobre o salário pago aos trabalhadores foi afirmado:

A gente não sabe se é muito justo porque tem horas que a gente acha pouco por causa que aquela obra, a gente sabe que a empresa tá com o pessoal mesmo pagando tudo certim, mas a gente ainda, tem vez que a gente acha pouco porque a trabalhada é muito... Pelo que ela ganha, eu acho que a gente ainda ganha pouco. Mas aqui não tem outra opção, esse aí a gente já acha bom, mesmo que sendo pouco. Eu mesmo fico agradecido. (Francisco de Oliveira da Silva, 24/09/2016)

A classe trabalhadora tem consciência de merecimento de uma remuneração maior, porém sente que é subordinada a empresa e que seu salário depende dela, deixando essa classe numa situação de conformismo, ainda mais quando o trabalho é tido como um presente divino, pois, quando no final da fala o trabalhador diz "*Eu mesmo fico*

agradecido", essa gratidão dele não se refere unicamente a empresa, mas também a um ser divino, o qual lhe concedeu a graça de trabalhar. O sentimento de subordinação operária se apresenta em outras falas também, nas quais o trabalhador demonstra sentir-se oprimido e sem direito a voz.

Na verdade a pessoa se sente bem pequeno porque você não tem voz. O regulamento não deixa, você tá pra trabalhar e acatar ordem e pronto. Mesmo tando errado, não importa. Então você se sente o seguinte: to aqui porque preciso, vou ganhar o meu, defender a minha feira, da minha família, mas sabeno que você ali, dentro da empresa, você é nada. Mas trabalhador você pode fazer o que? Ficar calado porque você precisa ganhar, e se você abrir a boca você vai mandado embora. (Francisco Lucier Ferreira Leite, 25/09/2016)

Eu ganhava em torno de, na base 1.600,00, quase 200,00 reais descontado do INSS. O tanto de coisa que é tirado do suor do peão, é muita coisa descontado. Nós trabalha não é só pra gente não, um trabalhador é, é muito patrão que ele tem, é muita gente pra comer do suor... Um tiquim dali e um tiquim dali.(Gilberto Unias Pereira, 23/09/2016)

Para a empresa o que importa é a força de trabalho comprada ao operário, a ele cabe cumprir com sua tarefa de produção, sem poder opinar acerca das decisões relativas ao seu trabalho, assim, sendo obrigado a acatar as ordens, pois caso o contrário, ele perde o emprego que é a única fonte de renda. O salário que o trabalhador recebe vai para gastos com utensílios fundamentais à sobrevivência. Além disso, do salário que é considerado baixo, ainda há grandes porcentagens de descontos relativos a seguros sociais, como o INSS, FGTS entre outros, que minimizam ainda mais a remuneração. Outra reclamação da classe trabalhadora diz respeito ao não depósito do dinheiro relativo a esses benefícios em suas contas.

Fizemos duas greves, paramos as BRs, sem sucesso, pra pressionar. A gente fechou a BR 116 duas vezes por conta de que a... Foi mandado embora mil homens, a firma não quer pagar a esses homens a rescisão de contrato, pagando apenas o FGTS e liberando os papel pra entrada de seguro desemprego. FGTS de pessoas que tem 4 anos(De trabalho) que a empresa depositou mil e poucos reais. (Francisco Lucier Ferreira Leite, 25/09/2016))

Os atrasos de salários e o não pagamento de quantias garantidas aos trabalhadores por direito, foram os principais motivos de organizações de greves, houve greve também relacionada a falta de equipamentos de segurança no trabalho, mesmo com a existência dos técnicos responsáveis pela área. As greves sempre eram acionadas devido a falta de comunicação da empresa com os funcionários, dessa forma, exigiam explicações sobre os problemas e o cumprimento do exercício do que é dever da empresa para com seus funcionários.

A empresa só coloca um engenheiro de segurança e os técnicos de segurança porque é obrigatório, uma obra não funciona se não tiver a segurança porque o MI não aceita, né, os órgãos governamentais não aceitam. Mas é assim, a segurança dentro da empresa, se ela funcionasse era ótimo, mas o que acontece? A segurança é mandada pelo engenheiro, os

técnicos de segurança e o engenheiro é mandado pelos donos da empresa, os grandes, vamos dizer, encarregado geral, então é assim, muitas vezes, você vai trabalhar em área de risco e que a segurança muitas vezes fecha os olhos, porque ela é, são trabalhadores iguais a mim, se ela for pressionar o engenheiro de segurança e o engenheiro for pressionar a empresa, então, eles vão mandado embora. Tá ali por obrigação, pra se qualquer coisa acontecer um acidente, qualquer coisa mais grave... Tem a segurança? Tem. Pronto, quer dizer, a empresa já tá acobertada porque tem um técnico de segurança na frente de trabalho. Mesmo que aconteça um acidente grave por irresponsabilidade da segurança, que às vezes não é irresponsabilidade da segurança, ela não pode fazer nada, irresponsabilidade da empresa. (Francisco Lucier Ferreira Leite, 25/09/2016)

Até 2013 a empresa não possuía os equipamentos de segurança, e foi só devido a um acidente grave ocorrido como um dos operários, que os demais se uniram e fizeram a greve, só depois disso eles conseguiram adquirir os equipamentos de segurança necessários. Ainda assim, percebe-se que a presença da segurança do trabalho na empresa se mantém apenas pela obrigação legal, e que na ocorrência de acidentes causados por irresponsabilidade da empresa, esta não sofre penalidades, pois os próprios técnicos de segurança são subordinados a ela e sendo assim, costumam se posicionar na defesa da empresa.

Mesmo com as organizações de greves existindo, o número de operários presentes nelas é pequeno. Isso acontece devido a necessidade de garantir o emprego, que para eles é o fundamental diante de qualquer outro direito, pois precisam dele para o sustento familiar, principalmente. Como assim afirma Francisco de Oliveira Silva, *"eu não participei disso não, porque quando participa de greve, geralmente os grevistas é difícil ficar no trabalho. O caba fazer frente de greve, organizar greve, geralmente eles mandam embora."* (24/09/2016)

O sindicato que é responsável por estes operários não é bem visto por eles. Segundo Francisco Lucier Ferreira Leite, *"Hoje o sindicato é visto pela maioria dos trabalhador, por 90% dos trabalhador como uma pedra no meio do caminho do trabalhador."* Ele ainda acrescenta:

A gente sabe de trabalhador que foi denunciar a empresa ao sindicato, sindicato pegou o nome do trabalhador passou pra empresa e na semana seguinte trabalhador foi mandado embora sem justificativa. Hoje a gente tem que entender o seguinte, os órgãos que é pra defender o trabalhador, na verdade ele não tá pra defender o trabalhador, ele faz toda aquela, aquela "bang bang" dentro duma obra dizendo que tá pra lhe defender, mas uma empresa grande chega e compra ele, ele faz vista grossa e "tchau". Ele vai lá mais você, lá na empresa, diz meio mundo de coisa, faz a pressão, só que é uma pressão combinada. Se você não tiver por dentro do que ta acontecendo, você pensa que o sindicato ta lhe defendendo, agora não vá na onda não e procure seus direitos por outro lado que se você depende do sindicato você ta perdido. (25/09/2016)

Sendo um órgão de representação e luta das causas trabalhadoras, o dever do sindicato é defendê-las, lutar contra as injustiças impostas pela empresa. Porém, o comportamento desse órgão diante das dificuldades encontradas pelos operários da obra da Transposição do Rio São Francisco, mostra o contrário. O sindicato age de acordo com a vontade da empresa, demonstra apoio ao operariado, mas ao final toma decisões contrárias as necessidades dos trabalhadores. Gilberto Unias Pereira ainda afirma: *"Porque o sindicato, ele não dá de conta, ele não honra o papel de sindicato que deve fazer. Então a gente se sente atingido nesses aspectos, porque a gente vê um lado, como pode dizer? Olhando pra quem dá mais."* (23/09/2016).

Aqui fica claro o porquê de o sindicato tomar partido contrário ao que devia, os operários afirmam que ele recebe dinheiro da empresa para não prejudicá-la, há então um acordo entre sindicato e empresa, deixando os operários desamparados. Além disso, o sindicato não é formado por trabalhadores, as pessoas que o constituem, dizem os operários, que elas não os representam, pois não compreendem o trabalho duro e sofrido na obra, ocupam os cargos sindicais como uma maneira de benefício próprio. Esta é a visão que os operários têm do sindicato que os representa em Salgueiro.

No entanto, diante das dificuldades enfrentadas pelos operários as visões deles a respeito da empresa divergem como pode ser visto a seguir. *"Pelo menos no meu ponto de vista eu não tenho o que cobrar da empresa, porque foram 3 anos, eu entrei como ajudante e sai como auxiliar de segurança."* (Laérico Ivanildo Barros dos Santos, 11/09/2016)

Olha, a empresa em relação aos trabalhador, a empresa é o seguinte, ela quer produção e ela pra o trabalhador ela num ta nem ai, a maior prova é essa daí, a gente trabalhou duro, ela ganhou milhões, ganhou milhões, ninguém sabe onde ela botou o dinheiro. E na hora H, o que que ela faz? Ela abandonou nós, simplesmente se dependesse só dela, ela tinha ido embora sem a gente saber como, e sem ela dá satisfação, se a gente não precisasse dá baixa numa carteira, assinar um documento, ela tinha ido embora sem dá satisfação a nós, a empresa é irresponsável. Muito depois, quando já tava quase uns mil homens demitidos, foi que a gente ficou sabendo que ela não ia pagar, não tinha dinheiro pra pagar. (Francisco Lucier Ferreira Leite, 25/09/2016)

O sentimento de gratidão pelo crescimento profissional dentro da empresa, impede que eles percebam, ou pelo menos, queiram evidenciar outras dificuldades sofridas, sentem como sendo injustiça de sua parte criticar negativamente a empresa que o permitiu tal crescimento. Algo que pode também influenciar na demonstração de gratidão é fato de que o trabalhador precisa continuar sendo bem visto por seus patrões, para que assim, possa permanecer no cargo que foi desejado ou até chegar a outro melhor.

Para outros o descaso da firma em deixá-los sem informação e satisfação acerca de problemas internos, que interferem nas condições de trabalho e na vida dos operários, os deixam insatisfeitos. A empresa deixou a obra sem comunicar aos operários e sem fazer as devidas prestações de contas. Esse fato causou a revolta deles.

A partir dessa análise e do significado de trabalho para o operariado é possível compreender as contradições existentes entre eles em relação as condições de trabalho. Gilberto Unias Pereira dá o seguinte significado ao trabalho:

É, pra mim mesmo, é minha fonte de renda. É onde eu ganho o meu pão pra dá de comer a minha família. O trabalho é uma das coisas mais importantes, diante de Deus, que a gente tem, o trabalho faz parte da vida de cada um ser humano. (23/09/2016)

Este significado do trabalho para o entrevistado não é específico dele, para a maior parte dos operários o sentido do trabalho é a geração de renda para o sustento familiar. Além disso, grande parte da classe dos operários de Salgueiro que trabalhou - outros ainda trabalham - na obra de Transposição do Rio São Francisco são oriundos de famílias pobres, possuem no máximo segundo grau escolar, muitos são filhos de pequenos agricultores, que plantam para o consumo próprio. Assim, compreende-se que mesmo diante das injustiças sofridas dentro do ambiente de trabalho, esses trabalhadores sejam gratos ao prestarem serviço à empresa e ao salário que ganham, se subordinando a ela, devido a dependência financeira da classe que precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. Daí entende-se o porquê da maior parte das greves ocorridas terem como motivo o atraso de salário. A principal reivindicação é a garantia do emprego e do salário, o medo de perdê-los, os impedem de perceber que unidos constituem uma força capaz de lutar e conquistar melhores condições de trabalho.

CONCLUSÃO

A análise feita com as entrevistas confirmou a hipótese de que os trabalhadores enfrentam muitas dificuldades nas relações de trabalho estabelecidas. Tais dificuldades se dão pela subordinação dos operários a empresa, isso, pela necessidade do ganho de salário deles. Pois, como pode ser visto através do Materialismo Histórico e confirmado nas entrevistas, o operariado vende sua força de trabalho por ser esta a única forma de garantir sua sobrevivência.

Portanto, constatou-se que mesmo com direitos historicamente conquistados através de sua lutas, o operariado sofre pela falta de execução dos mesmos. Isso porque,

como foi observado, a empresa tendo apoio de outros órgãos como o sindicato, consegue encontrar formas de burlar os direitos que defendem os trabalhadores. Assim, podemos notar que a luta por direitos para a classe operária é constante e necessária para a eficácia dos que já estão garantidos na lei e dos que ainda precisam ser conquistados.

FONTES DE PESQUISA

Entrevistas:

Laércio Ivanildo Barros dos Santos (Ajudante - Aux. de segurança no trabalho), entrevistado em 11/09/2016.

José Thiago de Andrade (Carpinteiro), entrevistado em 23/09/2016.

Gilberto Unias Pereira (Pedreiro), entrevistado em 23/09/2016.

Francisco de Oliveira Silva (Carpinteiro), entrevistado em 24/09/2016.

Francisco Lucier Ferreira Leite (Operador de perfuratriz), entrevistado em 25/09/2016.

Sites:

<http://ne10.uol.com.br/canal/interior/sertao/noticia/2014/02/07/uma-viagem-ao-canteiro-de-obras-da-transposicao-do-sao-francisco-469956.php> Acesso em 16/11/2016

https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934138/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos1.pdf Acesso em 16/11/2016

<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=31077> Acesso em 06/11/2016

<http://www.culturabrasil.org/revolucaoindustrial.htm> Acesso em 16/11/2016

<http://www.direitobrasil.adv.br/arquivospdf/revista/revistav51/ensaios/be1.pdf> Acesso em 16/11/2016

<https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v02/08.htm#c810> Acesso em 16/11/2016

http://www.mi.gov.br/documents/10157/3932290/Mapa+de+Localização+das+Metas_.jpg/3d54bd57-66bd-41cc-89bf-1b869ce26166?t=1456774020755 Acesso em 05/11/2016

<http://www.mi.gov.br/web/projeto-sao-francisco/o-rio-e-seus-numeros> Acesso em 05/11/2016

http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=261be082-5ac5-43b7-8e8b-59bb61b1b108&groupId=2054191 Acesso em 16/11/2016

http://www.professores.uff.br/seleneherculano/images/MARX_E_A_CRITICA_AO_CAPITALISMO.pdf

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINKSY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 155 - 197.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos, 171)

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 161 - 189. - (O Brasil republicano; v.1)

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Tradução. Ana Rabaça. Éditions du Sueil, 1983.

HERCULANO, Selene. **Em busca da boa sociedade**. Niterói: EDUFF, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária**. Tradução, Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. (Coleção Oficinas da História, v. 2)

LÊ GOFF, Jacques. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Tradução, Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOPES, Marcos Antônio. **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 373 – 385

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Instituto José Luís e Rosa Sundermann: 2003.

MIRANDA, Maria Bernadete. **História do Sindicalismo no Brasil**. Revista Virtual Direito Brasil – Volume 5 – nº 1 - 2011.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução, Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. (Coleção Oficinas da História, v. 12)

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução, Dora Rocha Flaksman. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, 3 - 15.

RÉMOND, René. **O século XIX, 1815 - 1914: Introdução à história do nosso tempo**. Tradução, Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Clitrix, 1974. p.100 - 123.

SALES, Veronique. **Os historiadores**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 45 - 63.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.